

HÍMEROS, O BRILHO DO DESEJO

ARTE E PSICANÁLISE

Antonio Quinet (org.)

 Kalimeros
COLEÇÃO

 Atos & Divãs
EDIÇÕES

Copyright © Atos e Divãs Edições 2022

Editor e organizador

Antonio Quinet

Design gráfico

Denise Patti Vitiello

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hímeros, o brilho do desejo : arte e psicanálise /
[organização Antonio Quinet]. -- Rio de Janeiro :
Atos e Divãs Edições, 2022.

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 978-65-991176-7-1

1. Arte 2. Desejo 3. Freud, Jacques, 1901-1981
4. Lacan, Jacques, 1901-1981 5. Psicanálise
I. Quinet, Antonio.

22-102829

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise e arte 150.195

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

HÍMEROS, O BRILHO DO DESEJO

ARTE E PSICANÁLISE

Antonio Quinet (org.)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	
<i>Hímeros, o brilho do desejo</i>	13
Antonio Quinet	
ARTE E PSICANÁLISE	
<i>La complicidad del artista con el azar</i>	21
Gabriel Lombardi	
<i>Repetição e contingência na obra de arte</i>	30
Raul Albino Pacheco Filho	
<i>O mal-estar na sexualidade</i>	35
Maria Anita Carneiro Ribeiro	
A ARTE DO ANALISTA	
<i>Arte e interpretación</i>	43
Ricardo Rojas	
<i>No suficiente poate</i>	48
Beatriz Elena Maya Restrepo	
<i>A interpretação: arte com ética</i>	61
Antonio Quinet	
<i>Brincarte com crianças</i>	67
Rosane Melo	

TRAGÉDIA

- Ética trágica, ética analítica* 77
Ana Vicentini de Azevedo
- Ecos do teatro trágico na cena analítica* 84
Denise Maurano
- Desejo e saber: sobre Édipo e Hamlet* 96
Maria Cristina Poli e Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

CENA

- Psicoanálisis y teatro: escenarios de sueños y fantasías* 107
Florencia Farías
- A escrita em cena* 114
Teresa Palazzo Nazar
- Transmissão em cena* 119
Antonio Quinet
- A performance e o palco da histeria* 125
Vera Pollo
- Opsis e dimensão* 134
Sonia Alberti

POESIA

- O fazer poético* 145
Gloria Sadala
- A voz do poema: ecos de Maurice Blanchot* 150
Dominique Fingermann

ARTES PLÁSTICAS

- Mise en abyme e o gozo feminino* 159
Maria Cristina Poli
- Arte e gozo* 166
Sonia Borges
- A impressão – de um instante – que nos causa!* 173
Sheila Abramovitch
- Nas bordas do impossível: amor e invenção na arte* 180
Bianca Coutinho Dias
- Lucian Freud no avesso do cogito cartesiano* 192
Nádia Martins
- A arte de Rembrandt e de Giacometti: uma escrita do real* 204
Maria Helena Martinho
- Freud e o Moisés de Michelangelo: uma lição clínica* 210
Betty Bernardo Fuks

LETRAS

- A terceira margem e o quarto nó* 225
Ana Laura Prates
- Encontro imprevisto: Badiou e Manoel de Barros* 238
Ieda Tucherman
- Freud e Zweig: psicanálise e literatura* 244
Andréa Hortélio Fernandes
- Kafka, um desejo indestrutível* 250
Barbara Guatimosim

<i>Katherine Mansfield e o bliss</i>	260
Elisabeth da Rocha Miranda	
MÚSICA	260
<i>Música – Psicoanálisis</i>	269
Marcelo Mazzuca	
<i>A música histérica</i>	276
José Eduardo Costa Silva	
<i>Tommy com Freud: do LSD ao DSM</i>	283
Luciano Elia	
<i>Madonna: Reinvenção do feminino e despertar pela arte</i>	291
Marco Antonio Coutinho Jorge	
SOBRE OS AUTORES	302

APRESENTAÇÃO



Finalmente, está vindo à luz a coletânea *Hímeros, o brilho do desejo – arte e psicanálise*. Depois de quase uma década, estamos entregando aos leitores os textos apresentados (e mais alguns) no I Simpósio Internacional do Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA), realizado em 2013 no Teatro Tom Jobim, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Se o artista antecede o psicanalista, como nos aponta Freud, a psicanálise deve se deixar aplicar pela arte. Eis a única maneira para que ela se separe de sua origem médica, pois é “a última flor da medicina”. E isto sem deixar de ser um tratamento: o tratamento do real pelo discurso. Não existe psicanálise “aplicada” à obra de arte, pois a psicanálise como tratamento pelo discurso só se aplica a sujeitos. No entanto, existe a arte aplicada à psicanálise – eis um antídoto para que esta se desgarre de suas aderências psicológicas que deram origem à *ego psychology*, e também para que a psicanálise não seja reduzida a um puro exercício de raciocínio de acento paranoico, que cederia à tentação cientificista de foracluir o enigma do ser falante. Para a psicanálise, a arte se associa à clínica sempre soberana pelo processo criativo que ambas implicam e pela singularidade de cada obra de arte e de cada análise.

A arte sempre foi um guia fundamental para a construção da psicanálise – construção sempre aberta como um *work in progress*. Começou com Freud e seus contemporâneos e foi retomada por Lacan, tendo sempre a arte como sua fonte inspiradora. A referência às obras de arte é o que permite evitar que a psicanálise seja deglutida pelo academicismo. Essa fonte jorra desde os gregos, com seu teatro trágico – Freud com Édipo e Lacan com Antígona.

Foi da tragédia *Antígona*, de Sófocles, e de um breve comentário de Lacan que extraímos um significante e o elevamos à dignidade de um conceito: *Hímeros, o brilho de desejo* que o coro percebe no olhar de Antígona a um passo de sua tumba, lamentando ter que morrer virgem, sem conhecer os prazeres da carne no leito conjugal. A personagem de Antígona, que nem sabemos se realmente existiu, não só veio à vida pelas mãos do artista-poeta-dramaturgo Sófocles, como se tornou um paradigma do enfrentamento ao tirano, da ética e do desejo. Foi a partir daí que Lacan começou a elaborar o conceito central na formação analítica: o desejo do analista. Antígona, a personagem, é uma criação artística. O artista consegue colocar em sua obra o desejo, não em



sua modalidade de falta-a-ter e sim em sua dimensão de gozo: um desejo assertivo mais vinculado à causalidade do que à falta. Eis sua afinidade com o desejo do analista. É com o artista e as obras de arte que o psicanalista tem a aprender: na teoria e na práxis, em sua estratégia nos semblantes e na arte da interpretação. Eis o que fazem os psicanalistas que se deixam sensibilizar e causar pelas obras e produzir um saber que possa ser transmitido.

Nosso livro, após uma elaboração sobre *Hímeros* – que podemos elevar à condição de um conceito – divide-se em múltiplas sessões, de acordo com as modalidades de arte. Inicia-se com aquilo que a arte estruturalmente ensina ao psicanalista, tal como salientam na seção *Arte e Psicanálise* os autores, a partir dos conceitos de *tycké*, sublimação, repetição e colocação em cena do sexo divorciado da natureza. Na seção *Arte e interpretação*, quatro psicanalistas exploram a indicação de Lacan de que a interpretação analítica para operar deve ser poética, brindando-nos com a arte do “de-cifra-mento”, a poesia chinesa, a musicalidade do inconsciente e o conceito de semblante a partir da representação teatral, assim como o “brincarte” com crianças.

Na seção *Tragédia*, as autoras nos mostram a importância das tragédias para nos orientar em uma ética que se coloque a favor da vida sem excluir o real da morte, as referências trágicas de Lacan e o desejo como trágico a partir de Édipo e Hamlet. Na sessão *Cena*, os cinco autores demonstram como o teatro é propício para a colocação do desejo inconsciente a céu aberto no palco, com seu poder de encenação de fantasias, seus tipos psicológicos, como apontou Freud, assim como modelo de escrita inconsciente, forma de transmissão de conceitos psicanalíticos, expressão da histeria e colocação em cena dos três registros R. S. e I., salientando a importância do Imaginário como espetáculo. Na seção *Poesia*, penetramos nas entranhas do fazer poético com as poesias de Angélica Freitas e Maurice Blanchot – fazer poético com o qual o analista não só deve se inspirar como estar à altura em sua prática de *lalíngua*.

Em *Artes plásticas*, as autoras seguem a trilha aberta por Freud e nos aguçam os olhos com a ótica psicanalítica, extraindo consequências para a prática analítica. E assim podemos nos *himerizar* pelos trabalhos sobre as obras de Cristina Salgado, Paul Cézanne, Francis Bacon, Van Gogh,

Maria Martins, Marcel Duchamp, Lucian Freud, Rembrandt, Giacometti e Michelangelo. Em *Letras*, as autoras extraem o sal da terra das letras, sua *lituraterra*, para nos ensinar sobre a função da escrita em autores como James Joyce, Guimarães Rosa, Caetano Veloso, Manuel de Barros, Stephan Zweig, Kafkaop, Katherine Mansfield e suas múltiplas relações entre psicanálise e literatura. Na seção *Música*, os quatro autores se referem à música e sua estrutura vista pela psicanálise, à música no teatro e no cinema a partir de duas obras belamente analisadas (*Abram-se os históricos*, de A. Quinet e *Tommy*, ópera rock do *The Who*) e das canções de Madona, a famosa compositora e cantora performática.

Hímeros é o reflexo do desejo que aparece no cristal de lalíngua, no brilho da voz, na pincelada na tela, no timbre do músico, no gesto do ator e no ato do analista em sua enunciação. Hímeros é o brilho que se eterniza pela mão do artista, imortal. Do lugar vazio êxtimo do entre duas mortes, nasce *ex nihilo* o reflexo do desejo do artista – um poema que se eterniza na poeira dos séculos. Hímeros é afirmação do duro desejo de durar, desejo de refletir o que do nada se transfigura em arte.

Antonio Quinet

Búzios, 10 de fevereiro de 2022

INTRODUÇÃO

HÍMEROS, O BRILHO DO DESEJO

Antonio Quinet

Hímeros, em grego, é o brilho do desejo ou o desejo tornado visível. A beleza do desejo, que lhe confere seu brilho é o desejo decidido, como veremos.

Esse termo pouco conhecido nos elucidava sobre a assertividade do *desejo em ato* – parâmetro para a ética da psicanálise. Encontrei esse termo no Seminário *A ética da psicanálise*, de Lacan¹, que, por sua vez, o extraiu da tragédia *Antígona* de Sófocles. Hímeros é o brilho do desejo que irradia de Antígona, a dois passos da tumba onde está prestes a ser emparedada para sempre. Antígona fulgura não a tristeza do enunciado de sua despedida, mas o desejo aceso na enunciação de seu olhar. O coro a designa como aquela que reflete o brilho do desejo, hímeros, situado por Lacan no campo entre duas mortes – a morte anunciada por Creonte e sua morte prestes a chegar. Campo em que brota o desejo decidido. Antígona é a amada do filho de Creonte, Hemon, que, no último instante, une-se a ela para morrerem juntos. A heroína é, portanto, o objeto causa de desejo de Hemon. “Clara é a vitória de hímeros, o desejo, no olho da jovem feita para a cama”², diz o coro. O hímeros vitorioso é o desejo decidido, desejo em ato, que faz de Antígona a desejante desejada e o paradigma de hímeros. O sujeito aqui se apaga para ser puro reflexo de desejo.

Se Lacan toma esse personagem para evocar o desejo do analista, é porque, como todos os heróis das tragédias gregas, Antígona se define por seu ato (o de fazer homenagens fúnebres a seu irmão proibidas pela lei da cidade) e não cede de seu desejo. O que a define é esse desejo em ato – desejo decidido.

Antígona, como todos os heróis da tragédia grega, está no lugar do objeto *a* – na sua dupla vertente: de causa do desejo e de dejetivo, excluído do Outro (a Polis). Ela é a autora do ato trágico, no “eu não penso”; portanto, fora do inconsciente. É por estar justamente aí nesse lugar que seu desejo brilha e provoca o efeito de beleza. Eis o fulgor devido a seu papel de objeto mais-de-gozar – objeto

1 2008.

2 Sófocles, 1989, p. 236.



topologicamente na interseção de Eros e pulsão de morte. Eis o lugar trágico da obra de arte. O poeta grego coloca nessa intersecção um personagem que provoca terror e piedade (afetos sem os quais não há tragédia, segundo Aristóteles), e também o entusiasmo com seu efeito estético no público.

O desejo do ato não é um desejo em sofrimento, que ainda não chegou a seu destino. É um desejo que só se realiza em ato. Este não é um ato endereçado a alguém portador de uma mensagem, como o *acting out*, nem um ato que seja o último grito do desejo antes de sair de cena, como a passagem ao ato. Trata-se de um ato de desejo – um ato que é equivalente a um novo desejo. Eis o que é o ato decidido em torno do qual Lacan fez o pivô da ética da psicanálise.

Hímeros se encontra no campo do gozo. Floresce entre duas mortes, na extimidade da vida, lugar de absoluto silêncio. Este desejo nasce da “clareira queimada na mata das pulsões”³. Cresce a partir do marco zero da cidade das artes.

No campo do gozo, o desejo está para além da demanda e é encontrado nos campos escópico e no invocante – campos dos objetos olhar e voz.

Hímeros, o desejo assertivo

Hímeros vem do verbo *hemefrein*, em grego, desejar, cuja raiz encontramos em *himeneu*, o lar, e em hímen, símbolo da virgindade, umbral desejante da menina que se faz mulher. Na mitologia, Hímeros é um deus, gêmeo de Eros, ambos presentes no nascimento de Vênus, a deusa da beleza. Enquanto Eros é o amor como sentimento, Hímeros é o desejo sexual, propriamente dito. Hímeros não é o desejo como falta, aspiração, vazio de satisfação e sim o estado de desejo, excitação gozosa, o desejo em sua assertividade, tornado visível nessa jovem feita para a cama. Não se trata, aqui, do desejo com seus impedimentos derivados de sua articulação com a Lei que se declina em insatisfeito, prevenido ou impossível, como no neurótico. Não é o desejo e sua errância, desejo que pula de objeto em objeto e nunca se satisfaz por ser metonímia da falta. Hímeros é o desejo em sua assertividade, em sua positividade, um desejo em ato que podemos comparar com o desejo do analista. É ele que faz, por um lado, Antígona realizar o ato de enterrar o irmão indo contra as leis da Polis e sustentar até o final seu desejo e, por outro lado, é o desejo

3 Lacan, 1998, p. 672.



sexual que a himeriza, ou seja, a torna desejável. Hímeros não é o desejo em sua errância. Hímeros é o desejo em sua “acertância”.

É a beleza do desejo decidido que confere ao personagem sua característica himérica, de ser puro brilho desejante. Ela está no lugar do objeto *a*, causa de desejo que se manifesta em ato, diante do qual ela como sujeito se apaga, para fazer brilhar o objeto, no caso, o olhar que irradia. Mas quem é Antígona? Nem mesmo sabemos se ela existiu. Antígona é uma criação artística. Sófocles, com sua arte, cria um personagem que tem esse brilho. O artista himeriza as letras e dá à luz uma obra que tem o poder de nos causar o desejo. Eis o mistério da obra de arte e que nos fez escolher esse termo para nomear nosso Colóquio de arte e psicanálise realizado no Rio de Janeiro, em abril de 2013. A obra de arte toma visível o desejo.

O hímeros artístico

Qual a relação entre o desejo sexual e esse desejo que nos causa a obra de arte?

Em sua segunda das *Cinco lições de psicanálise*, Freud⁴ detectou três destinos para o desejo aos quais pode levar uma análise: o consentimento, o não querer o que se deseja, ou seja, a rejeição ética a partir de um julgamento de condenação (*Verurteilung*), e a sublimação como desvio para outras finalidades, como a arte. Nesse texto, Freud emprega o termo *Wunschbregung*, movimento de desejo, para acentuar a mobilidade ou até mesmo a plasticidade desejante, o transporte do desejo.

A sublimação é uma operação de erotização dos objetos do mundo. O artista leva seu hímeros para transformar o mundo. Ele transporta seu desejo para o mundo e himeriza os objetos já existentes ou cria objetos himerizados.

A sublimação pode até, por um lado, ser considerada uma operação de dessexualização, no sentido genital, mas, por outro lado, o destino do desejo na arte é o de ser transferido para um objeto empírico. Como diz Lacan⁵, a sublimação é elevar um objeto à dignidade da Coisa sexual. Assim, o artista himeriza os objetos e é capaz de transformar um bloco de pedra numa mag-

4 1997.

5 2008.

nífica estátua que, há séculos, *parla*, como o Moisés de Miguel Ângelo, ou um urinol banal numa fonte revolucionária, como fez Marcel Duchamp. O mais impressionante e mágico é que algumas himerizações atravessam séculos e não adquirem nenhuma ruga. O artista eterniza seu desejo através de sua obra.

O hímeros artístico, como o desejo sexual, é um desejo no campo do gozo, situado no espaço do entre as duas mortes, zona periférica à vida e, no entanto, pertencente a ela, área de exterioridade íntima, lugar de exercício da pulsão de morte que, por necessidade artística, destrói o existente para, das cinzas, criar o novo a partir do grau zero, do nada, *ex nihilo*. Metaforicamente, podemos apelar aqui para o conceito da física de sublimação como passagem do sólido ao gasoso. Trata-se da criação a partir do vazio de significantes, do silêncio das pulsões, do oco do ser. O que chamam de ócio criativo nada mais é do que a colocação em prática da fabricação de um vazio na vida *workabólica* do sujeito contemporâneo para que algo novo possa surgir. E aquilo que se procura ou que não se procura, de repente, por algum caminho inesperado, pinta na tela. Eureka! Um achado, como que, por acaso. Como, de onde, por que veio aquilo? Impossível dizer, pois provém justamente de lugar nenhum. Mas, uma vez presente, faz todo o sentido. Ou não, provoca perplexidade, causa espanto, admiração, rejeição. A criação é sem sentido enquanto tal; este, só depois, se justapõe ou não.

O desejo no campo do gozo

A beleza não é apenas o último véu diante do horror da castração, como diz Lacan⁶ no seminário *A ética da psicanálise*. É também o que permite transportar o que é impossível de ver, como escrevem Hölderlin e Beaufret⁷. Esse transporte é produzido a partir do desejo em ato do artista, o desejo em sua positividade conotado não pela falta e sim pelo mais-de-gozar. É o desejo no campo do gozo.

O desejo do artista, assim como o desejo do analista, não é como o do neurótico que brilha em seu sintoma e em seu ato. Trata-se de um desejo sem Outro que é produzido no “eu não penso”. Para realizar um desejo que emerja

6 2008.

7 2008.

do absolutamente novo é necessário a dessubjetivação. O ato artístico é o que faz a arte assim como o ato analítico faz a psicanálise. Esse ato não se diferencia do desejo aí implicado em sua assertividade: ele o é. É um desejo em ato.

A arte tem muito a nos ensinar sobre o objeto *a*. A arte nos ensina a diferença entre as duas vertentes do desejo: o desejo como falta equivalente ao menos phi ($-\varphi$) da castração e o desejo causado pelo objeto *a*. Trata-se de apreender o desejo em suas duas modalidades que podem assim serem escrita:

O desejo sustentado pela falta: $\frac{d}{-\varphi}$

O desejo causado pelo objeto *a*: $a \rightarrow d$

Na primeira vertente, o desejo é articulado à Lei (Nome-do-Pai) e à falta constitutiva do ser falante e passa pelos desfilamentos dos significantes. Na segunda, ele é efeito do objeto causa de desejo *e*, assim, é conectado ao gozo e se manifesta como olhar e voz.

Na primeira, encontramos o desejo em suas impossibilidades, em seus impedimentos, articulado às leis da linguagem e à interdição do incesto que se manifesta no sujeito faltoso, sempre em busca guiado pelo desejo impossível de se satisfazer. Na segunda, trata-se do desejo em sua positividade, que torna o sujeito desejante-desejado, himerizado, erotizado, com um brilho agalmático, por vezes apreendido e percebido pelos outros, os semelhantes, quando o sujeito está apaixonado, ou com o desejo decidido em ato como Antígona. É essa vertente do desejo que se encontra na obra de arte.

Os objetos olhar e voz estão situados para além da demanda para além da cadeia significante – nesse lugar vazio de linguagem, porém não de gozo. Objetos de gozo que causam o desejo. O olhar é manifestação do *desejo ao Outro*, ou melhor, *desejo para o Outro*, com o qual o sujeito se endereça, se expõe, se exhibe, se mostra para o outro. Aqui, o sujeito se situa como o objeto da pulsão escópica no movimento de *dar-se a ver* para o outro numa cena, numa tela, num quadro.

A voz manifesta o *desejo do Outro*. É a voz que embala cantando a musiquinha para o neném, que acalenta, apazigua e faz gozar. É também a voz que ralha, do superego, que critica e faz sofrer. E ainda a voz que causa o desejo, que pode se manifestar no tom, no sotaque, no timbre, na musicalidade de uma forma de falar. Essa voz é objeto perdido de uma suposta primeira satisfação. Se manifesta como afônica, mas está presente no objeto artístico hime-

rizado como a música ou, até mesmo, num quadro como *O grito*, de Munch.

Se, por um lado, temos a voz que critica e ralha e o olhar que vigia e pune, o hímeros ligado a esses objetos é a característica da vertente prazerosa, gozosa do olhar e da voz, que dá o brilho do desejo nas artes.

O objeto himerizado revela o ato do artista realizado por seu desejo decidido que coloca na obra de arte algo de si. Esse “de si”, que mal lhe pertence e que lhe escapa, é objeto *a*. Em seguida, o artista o coloca em circulação no mercado dos bens.

A arte é ativa e o espectador é passivo. Somos afetados, atingidos, perturbados por ela. Lacan nos ensina que quem é ativo não é o sujeito e sim o objeto que causa o desejo. O objeto mais-de-gozar é o que faz o sujeito desejar, se dividir, sofrer, se angustiar. Assim como o objeto *a*, a obra de arte é ativa e o sujeito, como espectador, é que é por ela subvertido. É devido ao fato de a obra de arte estar no lugar do objeto *a* que ela nos causa.

Daí o desejo do artista, que himeriza a obra de arte, apesar de se vincular ao campo do Outro, estar para além da demanda. Mesmo se o artista quer ser reconhecido, vender seus trabalhos, ser premiado, etc., o desejo que esculpe, que pinta, que compõe, que escreve, que canta e que atua está para além da demanda. Ele é desejo no campo do gozo escópico e desejo no campo do gozo da invocação, campos desejantes em que se manipulam o olhar e a voz, que são os objetos que emergem e fulguram quando o sujeito se apaga e se faz artista. O olhar e a voz são os apagões do sujeito, que se evapora para deixar brilhar o desejo na sua obra de arte.

Esses dois objetos perdidos da mãe são reencontrados, portanto, de forma episódica, em sua substância de gozo, nos objetos de arte. O olhar e o desejo para o Outro estão presentes na pintura, escultura e nas artes plásticas em geral; a voz e o desejo do Outro presentes na música e no canto e ambos, olhar e voz, no teatro, na dança, no cinema, nos vídeos e também na escrita quando o olhar e/ou a voz se fazem letra.

O músico eleva as notas musicais à dignidade da voz como mais-de-gozar – e faz ouvir um mais-de-voz. Assim como o pintor lança na tela um mais-de-olhar.

O “discurso artístico” instaura um laço entre a obra e o sujeito. O objeto de arte, assim como o analista, é um semblante de objeto *a* para o

espectador ou ouvinte com efeitos no real. Assim, o laço que liga a obra de arte ao espectador ou ouvinte se equipara ao discurso do analista.

A obra de arte eterniza o desejo. “A thing of beauty is a joy for ever”, diz Keats⁸. Uma coisa bela é uma alegria eterna. Um grão do belo é uma joia para sempre. O belo é o hímeros eternizado, o eterno himerizado. A obra de arte é testemunha da descoberta de Freud: o desejo é indestrutível. Ele se eterniza no objeto artístico. E o artista se torna obra de arte.

A chegada da luz do dia advinda das trevas da noite era, para os gregos, uma luz desejada. Daí a palavra para designar o dia é *Hímera*, nos ensina Platão. E *bom dia*, em grego, é *Kalimera*, literalmente, (kalos + hímera): belo dia. Lacan⁹, a partir daí, propõe um novo cumprimento: *Kalimeros: bom dia e belo desejo!* Eis uma boa e bela maneira de se começar o dia e amanhecer para o desejo.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HÖLDERLIN, F.; BEAUFRET, J. *Observações sobre Édipo e observações sobre Antígona*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KEATS, J. *The poetical works of John Keats*. London: William Smith, 1841.

LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

SÓFOCLES. Antígona. In: *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

8 1841.

9 2005.